

## A DESCONSTRUÇÃO DA METAFÍSICA EM *VOZES PLURAIS*, DE ADRIANA CAVARERO

The deconstruction of metaphysics in *Vozes Plurais*, by Adriana Cavarero

Iamni Reche Bezerra

<https://orcid.org/0000-0003-4894-8151> 

Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, Campinas, SP, Brasil. 13083-859 – [cpgiel@iel.unicamp.br](mailto:cpgiel@iel.unicamp.br)

**Resumo:** Neste artigo, proponho descrever e comentar as configurações da *ontologia vocálica da unicidade* defendida por Adriana Cavarero na obra *Vozes Plurais: Filosofia da expressão vocal* publicada no Brasil em 2011. O interesse que Adriana Cavarero reserva à voz parte de sua crítica ao esforço metafísico em desvocalizar o logos, privilegiando a voz insonora da consciência frente à voz produzida por uma garganta de carne. Assim, a filósofa italiana defende a necessidade de recuperarmos um pensamento baseado na singularidade da voz, que acarreta a atenção a uma voz sonora e corpórea que seria, acima de tudo, essencialmente relacional. Em seguida, buscarei apresentar os elementos antagônicos entre a desconstrução de Cavarero e a proposta pelo filósofo Jacques Derrida, em especial às noções de *singularidade* e *assinatura*, caras às suas filosofias. Como veremos, a questão parece devidamente se localizar naquilo que ela e Derrida, em distinção, apontam como o elemento detentor de validade antimetafísica.

**Palavras-chave:** Vozes Plurais. Unicidade vocálica. Adriana Cavarero. Jacques Derrida.

**Abstract:** On this paper, I aim at describing and commenting the configurations of unicity's vocalic ontology as defended by Adriana Cavarero on the work *Vozes Plurais: filosofia da expressão vocal* (2011). As we will see, the concern Cavarero directs to the voice comes from her critique on the metaphysical effort to unvocalize the logos, privileging the not sounding voice over the voice produced by a throat made of flesh. Therefore, the philosopher defends the necessity of a thought based on the singularity of the voice, which entails attention to a sounding and corporeal voice, one that is, above all, essentially relational. Next, I intend to present the antagonist elements of Cavarero's deconstruction and the one proposed by philosopher Jacques Derrida. As we will see, the matter seems to be properly located on what both her and Derrida, distinctively, indicate as the holding element of antimetaphysical validity.

**Keywords:** Plural Voices. Vocalic unicity. Adriana Cavarero. Jacques Derrida.

### A coincidência entre o pensamento e o ser

*A máquina metafísica que nega metodologicamente o primado da voz sobre a palavra deve ser desmontada não apenas transformando esse primado em destino essencial, mas tendo sempre em mente que a estratégia voltada a neutralizar a potência da voz é a mesma que fez permanecer inaudito o acontecimento “a várias vozes”. (CAVARERO, 2011, p. 31).*

Em *Vozes Plurais: Filosofia da expressão vocal* (2011), Adriana Cavarero realiza um

percurso por textos da tradição ocidental em que se evidencia a dependência, nas teorias que essas filosofias articulam, da centralidade da noção de *signo*. Cavarero (2011) trabalha a partir de uma ampla escala – desde o cânone filosófico ocidental ao melodrama moderno –, buscando comprovar que a filosofia pode ser entendida como a trajetória da hegemonia de uma metafísica caracterizada pelo privilégio da *voz do pensamento* e, em decorrência disso, como ela busca confirmar, pelo privilégio da *imagem*.

A distinção entre palavra (significante mental) e falante (significante acústico), enquanto ato inaugural da metafísica, foi responsável pelo amplo esquema de hierarquias daí conseqüente. Nessa distinção, duas vozes estão postas em jogo: a voz interna da consciência, presente a si, e a voz pronunciada pelo falante. Cavarero (2011) tomará como tarefa revelar que houve desde sempre um grave prejuízo da voz enquanto plano acústico da palavra. Aquilo que a autora denomina como *desvocalização do logos* teria sua origem em Platão, na fixação do primado ontológico do pensamento sobre a palavra, buscando a todo custo libertá-la da corporeidade da voz: “Platão desloca a voz do aparelho fonador para o silêncio da cabeça, atividade insonora.” (CAVARERO, 2011, p. 87). Tal deslocamento teria se propagado por toda a tradição, para a qual o significante acústico sempre representou um estorvo. Assim, Cavarero (2011) entende que recuperar essa tradição filosófica significa então assinalar “um problema que tem a ver com a inclinação filosófica para a universalidade abstrata e sem corpo, na qual reina o regime de uma palavra que não sai de nenhuma garganta de carne.” (CAVARERO, 2011, p. 23)

É no movimento de apontar as conseqüências de tal desvocalização, que *Vozes Plurais* inicia o primeiro capítulo intitulado “Como o *logos* perdeu a voz”. Adriana Cavarero (2011) parte da expressão *zoon logon echon*, da *Poética* de Aristóteles, traduzida como “animal racional”, observando que, se ao pé da letra a expressão significa algo como “vidente que possui logos”, então o *zoon logon echon* aristotélico se refere antes ao animal falante, à voz dos animais viventes. O fato de a tradição ter compreendido o logos como *phoné semantiké*, voz significante, exhibe a redução da voz àquilo que ela poderia vir a significar: “a *phoné* dos metafísicos é irremediavelmente intencionada a significar. Sem esta intenção, ela é som vazio, isto é, som esvaziado de sua função semântica.” (CAVARERO, 2011, p. 51). Assim, na tradição metafísica, o logos oscila entre discurso e razão, palavra e pensamento. A filosofia não concede à voz “nenhum valor que não seja independente do semântico” (CAVARERO, 2011, p. 52). “O logos se esforça a coincidir com o pensamento” (CAVARERO, 2011, p. 62), diz Cavarero, e eis o sonho metafísico por excelência. Em sua interpretação, o sistema filosófico submete a palavra ao conceito, legitimando uma unidade ontológica da noção de signo que subordina a esfera acústica à mental (e mais adiante, como veremos, também à esfera visual). A autora nos explica que o ápice desse argumento metafísico estaria na formulação cartesiana, para a qual “o pensamento não tem voz, não invoca nem fala: *cogita*.” (CAVARERO, 2011, p. 203)

Cavarero (2011) afirma que mesmo os estudos sobre a *voz em si* a consideram como uma *voz genérica* (de todos e de ninguém), ignorando sua unicidade (seus corpos

singulares):

Mesmo a tematização da voz como voz – caso da “vocalidade” – não garante nenhuma restituição de sentido ao fenômeno da unicidade vocálica se não for acompanhada pela perspicácia e pela paciência de abater-se o filtro metafísico que há milênios bloqueia a escuta. (CAVARERO, 2011, p. 30).

É nesse sentido que a autora recupera nomes da filosofia que desenvolveram reflexões importantes acerca da oralidade, a fim de demonstrar que mesmo tal perspectiva (declaradamente aberta àquilo que haveria de *próprio* na ordem do vocal) não alcançou a devida restituição ao fenômeno da unicidade vocálica. Na teoria de Paul Zumthor (1997), por exemplo, encontra-se a distinção entre *oralidade* (funcionamento da voz como portadora de linguagem), e *vocalidade* (conjunto de atividades e de valores da voz que lhe são próprios, independentemente da linguagem). Essa distinção será importante para que o teórico adote a expressão *poéticas da voz* que, diferentemente da tradição generalista da *literatura oral*, busca soltar-se das amarras da palavra significante. Zumthor (1997) afirma que a voz, antes de significar, é já expressão, como a vocalização de sentimentos intensos que tomam a forma, por exemplo, de riso ou murmúrio. Haveria então aí a voz antes da palavra. Mas, quando Cavarero interpreta a teoria de Zumthor, afirma: “libertando-se dos domínios da linguagem, a voz da vocalidade insiste em apresentar-se como uma voz em geral” (CAVARERO, 2011, p. 28). Ou seja, mesmo que o teórico tenha destinado atenção ao acontecimento da voz em distinção à palavra, a voz em Zumthor (1997) seria uma voz em geral, com qualidades materiais que dificilmente conseguiriam atribuir à voz alguma singularidade. Já para Roland Barthes (1995), o próprio da voz estaria em seu *grão*, ou seja, não propriamente na dimensão do sopro e da respiração, mas na corporeidade que articula corpo e discurso. A voz, nesse sentido, atuaria como um *ramal* entre corpo e palavra. Exatamente o aprisionamento do vocal à dimensão da palavra, ao sentido, é o que incomodará Cavarero:

É verdade que Barthes, ao investigar o tema da voz, encoraja a análise a focalizar um vocálico que – longe de ser simplesmente pura sonoridade ou, pior ainda, um resto – joga a sua potência na referência à palavra. Mas é também verdade que, ao mesmo tempo, ele desencoraja qualquer perspectiva que individualize na unicidade e na relação o sentido fundamental dessa potência. (CAVARERO, 2011, p. 31).

Assim, a autora observa que não há esperança nem mesmo nessas filosofias que se dizem *atentas à escuta*. O abraço mortífero do logocentrismo (CAVARERO, 2011, p. 31) reduz o caráter relacional entre unicidades da voz. A filosofia da expressão vocal proposta por ela se baseia exatamente na denúncia de que a metafísica considera como elemento fundador da linguagem não o aspecto vocal, mas sim o nexos da palavra com o regime dos significados (CAVARERO, 2011, p. 52). Essa dependência foi fundamental para a metafísica, pois garantiu a subordinação da esfera acústica à esfera visual. Para compreendermos o que a autora entende por *privilegio da esfera visual* – denominado em

sua obra a partir do termo *videofonismo* –, retomaremos a trajetória que Cavarero (2011) realiza pelos filósofos que assumiram uma perspectiva aberta à ordem vocal. Passamos rapidamente pela *vocalidade* de Zumthor (1997) e pela voz como *ramal* em Barthes (1995). Agora, vamos a Emmanuel Levinas.

### A coincidência entre pensar e ver

Para Adriana Cavarero (2011), entre os pensadores dessa vertente aberta à singularidade da voz, Levinas talvez tenha sido o que mais se aproximou de desenvolver um pensamento atento à unicidade vocálica; não fosse a disposição em tender a instância vocálica à instância do visual – *o rosto do outro* ocupa um lugar central na discussão desse filósofo: “O rosto do outro se autossignifica, antes e independentemente de qualquer sistema de significação. [...] Esfera da visão e esfera da palavra, então, se amalgamam e se confundem.” (CAVARERO, 2011, p. 43)

Cavarero (2011) partirá desta discussão para provar seu ponto: o de que a filosofia ocidental estaria fincada na hegemonia do *logos* como elemento imagético, portanto, desvocalizado, insonoro, incorpóreo. O horizonte de toda a tradição filosófica, ela afirma, sempre foi *visual*. Assim, nesta hierarquia esboçada aqui, a palavra, ao invés de se dirigir à voz, dirige-se antes à visão:

Não sem alguma implicância, pode-se dizer que algo de ilógico existe no gesto de Levinas que funda a unicidade do interlocutor no mostrar-se de seu rosto: o rosto do outro é, por definição, único, e por isso não importa se quem o mostra dialoga ou não. Na interlocução, ao contrário, é justamente a voz que transcende o plano da palavra e manifesta a unicidade do outro. (...) não é o rosto do outro, mas sim é a voz que constitui o *próprio* da unicidade. (CAVARERO, 2011, p. 44).

Nesse sentido, Cavarero (2011) afirma que o *rosto do outro* em Levinas é um rosto que admite a possibilidade de estar calado, e que prescinde, portanto, de relação que extrapole a dimensão visual. Poderíamos aqui questionar essas afirmações, no que diz respeito especialmente à interpretação que Cavarero (2011) apresenta acerca de Levinas. A ética que o filósofo inaugura não se refere tão somente à apresentação do outro pela *imagem de seu rosto*, mas em que o rosto do outro nos exige uma *resposta*. O rosto não está em silêncio. A alteridade, na interpretação levinasiana, não significaria então se colocar no lugar do outro, mas se relacionar com o outro *como outro*.

A questão se complexifica: o rosto é também a impossibilidade de acesso direto à alteridade porque é *desconhecível*, visto que esse rosto manifesta o infinito, embora seja somente a partir desse contato com o outro mediante seu rosto que se torna possível uma relação fundamentalmente ética. Assim, Cavarero (2011) parece desconsiderar que o próprio Levinas atentou para o risco de se relacionar com o rosto *somente enquanto imagem*, o que, para ele, significaria reduzi-lo à dimensão visual de um rosto empírico, de um ser-objeto. Podemos ler em *Humanismo do Outro Homem* (1993):

Sua presença consiste em se despir da forma que, entretantes, já a manifestava. Sua manifestação é um excedente sobre a paralisia inevitável da manifestação. É precisamente isto que descrevemos pela fórmula: o rosto fala. A manifestação do rosto é o primeiro discurso. Falar é, antes de tudo, este modo de chegar por detrás de sua aparência, por detrás de sua forma, uma abertura na abertura. (LEVINAS, 1993, p. 59, grifos nossos).

É interessante observar uma proximidade da filosofia de Levinas com a ideia da *identità altruística* de Cavarero (1997). Como observou Olívia Guaraldo (2007), para Cavarero, o eu e o outro não se excluem mutuamente, mas compactuam com uma noção diferente de identidade, em que a “coerência do eu consigo mesmo só pode vir do exterior, de outro eu que responde ao desejo por unidade contando sua história, colocando em narrativa o caminho aparentemente sem sentido de sua manifestação no mundo” (GUARALDO, 2007, n.p).

Cavarero (2011) esclarece, ainda no mesmo capítulo de *Vozes Plurais*, que compreende em Levinas (autor que escreve num tempo pós-Auschwitz) a construção de um projeto filosófico que buscou propor pela via da alteridade uma ética que solicita a responder pela *morte do outro*. No entanto, essa perspectiva não é, para ela, o bastante para considerar a filosofia de Levinas representante de uma abertura para o aspecto relacional, exatamente porque não recupera o aspecto do vocálico.

A autora lamenta que mesmo os autores de matriz hebraica (que teriam todos os indícios para envolver a voz em suas teorias) preferiram, obstinadamente, afastar de suas filosofias a instância plural da ordem do vocal: “A crítica da linguagem tem dificuldades em individuar as potencialidades eversivas do vocálico” (CAVARERO, 2011, p. 43). Cavarero se pergunta por que Levinas, ao pensar o *dizer que não diz*, recorre à figura do rosto (imagem) e não à da voz: “A metáfora do visual, que caracteriza a verdade da tradição metafísica, deita suas raízes em um privilégio da visão que é compartilhado por toda a cultura grega.” (CAVARERO, 2011, p. 54) Assim, a metáfora visiva constitui o sistema metafísico – o que ela denominará *videofonismo*. Para ela, o sentido que Levinas expressa na noção do *dizer* teria relação direta com uma filosofia da unicidade das vozes, assim como com a tradição hebraica para a qual, ao contrário da tradição cristã, a palavra sagrada é um *evento sonoro*.

Em *Vozes Plurais*, Cavarero (2011) também criticará outro filósofo de origem judaica que, segundo ela, optou por desconsiderar a dimensão vocálica e relacional da linguagem, decidindo-se por um pensamento em consonância com a tradição cristã em que a palavra se cristaliza no escrito tornando-se *graphé*, leitura silenciosa de uma *escritura*. Este é Jacques Derrida.

### **Cavarero e Derrida: diferentes compreensões da metafísica**

Vários são os pontos de encontro da teoria de Cavarero (2011) com o pensamento da Desconstrução. Entre eles estão o questionamento da tradução de *zoon logon echon* aristotélico, ou ainda, daquilo que na tradução para “animal racional” foi *decididamente*



colocado em evidência; a localização do problema no privilégio do *logos* na metafísica; o modo de construir sua crítica a partir da construção de uma genealogia do pensamento filosófico. Percebemos em Cavarero (2011) a dupla recusa desconstrutivista: ela depõe contra o idealismo transcendental da fenomenologia e contra a dependência da metafísica que se apoia na *phoné semantiké*. Para além de buscar delimitar o que seja a Desconstrução, termo do qual ela mesma se utiliza para apresentar seu pensamento, podemos, portanto, elencar esses *movimentos desconstrutores* a partir dos quais a obra aqui analisada se articula.

Por outro lado, sua desconstrução se afasta da filosofia de Jacques Derrida em inúmeros aspectos, e o posfácio dedicado ao filósofo aparenta ser uma tentativa de marcar tal desencontro. Ela pontua desde as primeiras linhas:

Apêndice, cauda. *In cauda venenum* ou, talvez mais ambigualmente, *pharmakon*. Este apêndice, porém, quer ser antes de tudo uma dedicação: um reconhecimento e uma crítica expressamente dedicados a Derrida. É importante que o acento recaia, primeiramente, sobre o reconhecimento. O que deve ser reconhecido a Derrida é o gesto teórico original com que, em meados dos anos de 1960, distanciando-se dos cânones interpretativos da tradição, ele distingue na voz a questão – estaria tentada a dizer: a matriz – fundamental da metafísica. É necessário esclarecer essa originalidade, que é bem conhecida, teoricamente intensa e que inaugura um novo estilo para a hermenêutica contemporânea. (CAVARERO, 2011, p. 268-269).

E tendo sido feito o reconhecimento, prossegue-se à crítica:

Derrida mantém a oposição entre voz e escritura, mas não se interessa pela voz para salvaguardar a especificidade das culturas orais como distintas das alfabetizadas. Para ele, aliás, a voz se torna justamente o elemento metafísico por excelência e precisamente aquilo que a metafísica privilegia, em detrimento da escritura. (CAVARERO, 2011, p. 269).

A autora sublinha que a questão parece devidamente se localizar naquilo que ela e Derrida, em distinção, apontam como o elemento detentor de validade antimetafísica. Em *Vozes Plurais*, temos um discurso que nos estimula a inverter a lógica metafísica que subordina a palavra ao pensamento, que privilegia a voz metafórica da alma e a imagem visual mental proveniente dele. Isso porque, dirá Cavarero, o pensamento é solitário, enquanto a voz é relacional (CAVARERO, 2011). Derrida, em uma interpretação distinta, em suas obras iniciais publicadas em 1967 (e mesmo anos antes, em sua introdução à *Origem da Geometria* de Husserl, como veremos) buscou comprovar que a *presença*, na metafísica, é aquilo que garante a verdade plena, pura e imediata – ou seja, para o filósofo a *presença* seria o *operador amplo*, o *fundamento* em que se edifica a metafísica. Portanto, ao compreender que o sistema metafísico é edificado sobre a presença, sobre o sentido presente a si, reconheceu na experiência da voz a legitimação de tal presença plena, uma vez que a voz exige que o falante esteja presente, garantindo assim a restituição imediata de sentido. Como já é conhecido, o elemento reativo ao movimento metafísico, para Derrida (2013), é a *escritura*, noção *irresumível* dada a complexidade com que se apresenta em

toda a sua obra, mas que poderia ser descrita rapidamente, correndo-se todos os riscos de uma descrição rápida, como uma malha de inscrições em que a linguagem se configura, uma malha de rastros em reemissão infinita.

Quando Derrida (2013) entende que limitar a linguagem ao domínio do *signo* é um problema que necessita ser enfrentado, tomará como tarefa desconstruir tanto a Fenomenologia quanto o Estruturalismo, vertentes, como buscou provar, tributárias de uma certa noção de signo como *signo presente*. Assim, a obra de Derrida procurou destacar uma espécie de discurso amplo que organiza a Filosofia como uma trajetória de diferentes compreensões acerca da presença e do presente, buscando apontar para aquilo que essas teorias produziram *sem perceber*, seja a transcendentalidade do objeto matemático, no caso da fenomenologia de Husserl, seja o centro produtor de suas próprias regras, no caso do Estruturalismo.

A leitura que Cavarero (2011) reserva a essa herança derridiana centra suas energias em provar que o mérito de Derrida está em que ele de certa forma encarou o tema da voz, mas seu erro recaiu em encerrá-la nas grades da metafísica, já que, para ela, a voz que o ouvido metafísico privilegia não é sonora, mas mental. Assim, Cavarero (2011) acusa o filósofo de ignorar a distinção entre significante acústico (a viva voz) e significante inteligível (mental) em suas leituras de Platão. Além dessa aposta que, para Cavarero (2011), já seria fatal para que a voz conseguisse ser compreendida em seu caráter singular, Derrida ainda teria insistido na dicotomia entre voz e escrita, e ao considerar somente a escrita como elemento antimetafísico por excelência, "...não se interessa pela voz para salvaguardar a especificidade das culturas orais como distinta das alfabetizadas" (CAVARERO, 2011, p. 269). Assim, a voz, mesmo em uma filosofia como a derridiana que dedicou todos os seus esforços em colocar em questão o grande problema metafísico, continuaria sendo desconsiderada e subordinada ao *logos*.

O contraponto à leitura que Cavarero (2011) realiza sobre a obra de Jacques Derrida poderia vir de muitos lugares. Primeiramente, entendemos como um equívoco reduzir as primeiras obras do filósofo a uma simples querela entre voz e escrita. A noção de *escritura* procura dar conta de uma inscrição ampla, e não de uma particularidade que se oponha à fala (o que configuraria a *escrita fonética* e não a noção de *escritura*).

É por isso que será importante a Derrida questionar a estrutura hierárquica na qual a metafísica se apresenta. Natureza/cultura, essência/aparência, homem/mulher, fala/escrita, são todas dicotomias que constroem o sistema de privilégio e subordinação que é a metafísica. Assim, diferentemente do que busca mostrar Cavarero (2011), para Derrida não interessaria realocar a voz e a escrita nesse sistema, pois mesmo em sua mais extrema inversão, a estrutura logocêntrica estaria salvaguardada.

A citação mencionada anteriormente, em que Cavarero (2011) afirma a negligência derridiana em relação às culturas orais, pode ser contraposta quando lemos em *Gramatologia* (2013) Derrida criticar o pensamento estruturalista de Claude Lévi-Strauss. No capítulo "Natureza, Cultura, Escritura", Derrida (2013) recupera a discussão do

antropólogo acerca dos povos selvagens, que em *Tristes Tópicos* (1981) afirma que os povos sem escrita são povos sem história. Aqui duas questões estão postas: a primeira delas diz respeito a uma espécie de remorso europeu que acometeu os antropólogos da época de Lévi-Strauss, para os quais os povos selvagens deveriam ser protegidos da violência colonial branca (ou seja, da cultura, da escrita etc.). Assim, a fala seria a expressão mais pura e plena de sentido. Mas há também a redução violenta do etnólogo em não reconhecer *história* naquilo que não se dá pela forma do registro fonético. É exatamente contra essa interpretação que Derrida (2013) se colocará: a favor da escrita (que para Lévi-Strauss era representação do mal da cultura) e também a favor da voz ser compreendida como um sistema de inscrição, Derrida (2013) dirá que não é possível seguir com a dicotomia fala/escrita, especialmente quando uma delas é colocada como fundamental para afirmar que um povo possui ou não história.

Nesse sentido, para o filósofo, basta que uma coisa se *inscreva* para que o *rastro* dela permaneça (seja pela voz, pela escrita, pela linguagem de sinais, etc.), em uma complexa relação entre o permanecimento e seu apagamento. Assim, o rastro é inadmissível na lógica da presença a si. Isso porque o rastro não se deixa apreender por uma *arché*. Questão importante, já que o conceito de identidade, em Cavarero (1997), passa pela possibilidade da história. A prática narrativa, para ela, será a cena primordial da relacionalidade: para a autora, é ouvindo o outro contar a minha própria história, minha biografia, ouvir dizer-me a mim, que a identidade se forma.

Também, diferentemente do que busca afirmar Cavarero (2011), a escritura em Derrida não está de antemão protegida da interpretação essencialista. Ao iniciar sua *Gramatologia* com o texto denominado “Advertência”, Derrida (2013) insere a referência aos estudos realizados por Madeleine V. David acerca do deciframento dos hieróglifos egípcios. Ali, Derrida (2013) pontua, em consonância com Madeleine, as dificuldades que a ciência da escritura enfrentou mesmo quando buscava se libertar da fala. Por um lado, havia o sonho de uma escrita universal (de transparência total) a partir da notação matemática, como a sonhada por Husserl quando este pensou a possibilidade de idealização da geometria. Por outro lado, havia a valorização da escritura chinesa (como em Leibniz), em sua apresentação exótica e mística aos olhos europeus, perseguindo uma escritura que, embora se esperasse estar liberta do fonocentrismo, estava ainda apoiada igualmente no *logos*, pois desejava que esta língua universal servisse à filosofia a partir da premissa de representar diretamente o pensamento. Como observa Moysés Pinto Neto (2017) no artigo “O conceito de escritura em Derrida e a gramatologia da sua época”, a atenção que Derrida transfere nessa advertência que abre *Gramatologia* diz respeito à apresentação de uma matriz teórica na qual baseou seu programa filosófico, e que servira de apoio para as obras subsequentes.

Derrida (2013) pontua: os momentos, na filosofia, em que uma ciência da escritura fora esboçada, seja pela via da notação matemática, seja pela via da escrita mística transcendental, em ambos os casos o fechamento logocêntrico encontrou plenas condições

de se prosperar.

No capítulo “O fim do Livro e o começo da escritura” da *Gramatologia*, Derrida (2013) descreve a existência de diferentes escrituras: “Há, portanto, [na tradição filosófica] uma boa e uma má escritura: boa e natural, a inscrição divina no coração e na alma; perversa e artificiosa, a técnica, exilada na exterioridade do corpo” (DERRIDA, 2013, p. 21). Distinção semelhante àquela apontada por Cavarero (2011) entre a voz de carne, material, e a voz do pensamento.

A dimensão técnica da escritura, em oposição à escrita divina que é mental, é para a metafísica perigosa e traidora. O fim do Livro ao qual Derrida (2013) se refere, portanto, diz respeito ao fim dessa escritura pensada pela metafísica; trata-se do fim da unidade e da presença eterna de um texto imanente que se inscreve no pensamento<sup>1</sup>. Para Derrida (2013), não há escritura onde há código, mas onde há *rastro*. Em *Gramatologia*, lemos:

O rastro é a *diferência*. Ela não depende de nenhuma plenitude sensível, audível ou visível, fônica ou gráfica. É, ao contrário, a condição destas. Embora não exista, embora não seja nunca um ente presente fora de toda plenitude, sua possibilidade é anterior, de direito, a tudo que se denomina signo (significado/significante, conteúdo/expressão etc.), conceito ou operação motriz ou sensível. Esta *diferência*, portanto, não é mais sensível que inteligível, e ela permite a articulação dos signos entre si no interior de uma ordem abstrata – de um texto fônico ou gráfico por exemplo – ou entre duas ordens de expressão. (DERRIDA, 2013, p. 77, grifo nosso).

Outro ponto importante a ser problematizado na ontologia vocálica de Cavarero (2011) é a dimensão daquilo que ela denomina *singularidade da voz carnal*. Se o movimento de Cavarero é o de buscar comprovar que a dimensão material, empírica e singular da voz necessariamente se sobressai à voz imanente do pensamento, poderíamos antes considerar esse movimento uma simples *inversão* da metafísica, e não propriamente sua *superação*. E a idealidade da voz, embora agora de uma outra voz, segue pertinente a esse novo sistema, assim como o foi para toda a metafísica. Ou seja, ainda se trataria de uma *instância arconte*, essencial e *originária*. A última parte de sua obra, denominada “Mulheres que cantam” nos apresenta uma importante compreensão acerca da origem da voz, a qual acompanharemos e comentaremos a seguir.

### **Vozes Plurais: por uma ética do feminino**

Ao questionar o discurso hegemônico do *logos* desvocalizado, Adriana Cavarero (2011) nos apresenta uma outra história (interdisciplinar, passando pela literatura, música e artes visuais) das vozes que foram desde sempre solicitadas a se calarem. Essas vozes, segundo a autora, são as vozes femininas.

No capítulo “Mulheres que cantam”, a autora dá continuidade ao seu estudo sobre a desvocalização do *logos*, como discutimos anteriormente, mas agora introduzindo a

---

<sup>1</sup> Sobre esse tema, ver também o capítulo “Edmond Jabés e a questão do livro”, em *A escritura e a diferença*, Jacques Derrida, 2009.



questão do feminino. Adriana Cavarero (2011) nos apresenta sua reivindicação da unicidade da voz como portadora de uma dimensão relacional e, por isso mesmo, política. Há, portanto, paralelamente à discussão com pensadores da tradição metafísica do *logos*, um discurso alinhado às recentes teorias feministas, especialmente Hélène Cixous e Hanna Arendt, cujas obras Cavarero se debruçou nos últimos anos.

Para Cavarero (2011), falar de voz e da relacionalidade acústica significa falar de erotismo, de prazer libidinal e, conseqüentemente, de censura: controle político pela via do silêncio imposto. Musas e sereias, perigosas por dominarem a arte do canto, aparecem mudas nas épicas gregas, uma vez que o canto (material de expressão feminino nessas narrativas) seria desprovido de sentido, diferentemente da *phoné semantiké* masculina. Ou seja, a única voz aceita pela metafísica é aquela que desde sempre *significa*, que está colada ao sentido e dele não abre mão. Da voz mental à voz empírica, é o sentido imanente que se perde:

O problema é sempre o mesmo. A épica preocupa Platão principalmente como atividade vocálica e musical ligada à esfera corpórea do prazer. Musas e sereias, de voz harmônica, ou cigarras, de canto monótono e penetrante, todas perturbam o imaginário platônico quando o filósofo se empenha em criticar os poetas. A função principal dessas figuras parece ser a de ressaltar a materialidade sonora, libidinal e pré-semântica do *logos*. (CAVARERO, 2011, p. 125).

Assim, Cavarero (2011) discorre acerca da mudez feminina no contemporâneo (uma mudez imposta). A dicotomia entre corpo e mente continuaria a se exercitar no imaginário contemporâneo do melodrama, no qual a voz feminina do canto é apresentada em contraste com a inteligência muda do homem. No entanto, para a autora, tanto a *khora* semiótica quanto a língua materna precedem os códigos que governam o *logos* falocêntrico. É nesse sentido que Cavarero (2011) recupera a questão da origem da voz que remontaria da cena da infância, a qual liga a esfera da voz à esfera da palavra. Diferentemente da lei paterna, a lei materna é o prazer primeiro, é voz em acalanto, pela boca é língua materna, leite materno, alimento primordial.

Nesse momento em especial, a autora reivindica seu elo com filosofias feministas, “que autorizam a abertura de um horizonte teórico em que a validade relacional da palavra finalmente se faz ouvir como voz” (CAVARERO, 2011, p. 239). Seja pela conceitualização da sucção do leite materno como a cena originária da língua materna, pela via de Hélène Cixous, seja pelo conceito de *khora semiótica* e sua estrutura pré-verbal e inconsciente que recupera de Julia Kristeva, a ontologia vocálica de Cavarero se apresenta como um apelo à singularidade inimitável da voz: “o próprio da voz não está no puro som; está mais na unicidade relacional de uma emissão fônica que, longe de contradizê-lo, anuncia e leva a seu destino o fato especificamente humano da palavra.” (CAVARERO, 2011, p. 30)

Em *Vozes Plurais*, o momento em que surgem as vozes de pensadoras mulheres é o momento da voz em ressonância, do falar em conjunto, em que a voz da autora se soma a essas outras vozes. Como o exemplo de um hino, poderíamos pensar, em que os sujeitos

são chamados não a distinguiem-se, mas a fundirem-se: a unicidade encarnada, e feminina, que, segundo Cavarero (2011), o ouvido metafísico nunca se interessou em ouvir (embora a noção de *hino* corra o risco de se familiarizar com essa mesma tradição que ela critica, por tudo aquilo que é capaz de *neutralizar* na experiência da singularidade). As vozes femininas falam em uníssono porque compartilham da potência de *dar vida à voz*, a partir da cena da amamentação. Assim, poderíamos questionar se em *Vozes Plurais* a busca pela origem não estaria se dando a partir das prerrogativas da verdade, e por isso mesmo, do sentido e do significado, já que o desejo por estabelecer uma unidade originária é talvez um outro nome para a busca pela restituição de um sentido originário.

Ou seja, se, como quer Cavarero (2011), o sentido originário da verdade é a voz, mais especificamente a *voz materna*, o efeito incontrolável dessa teoria é a intrínseca busca pela restituição do sentido que aí se apresenta. Não haveria como se furtar desse efeito colateral (que nada mais é do que o próprio logocentrismo), e a teoria de Cavarero acabaria por produzir exatamente aquilo que procura criticar. Isso porque sempre que a garantia do sentido se dá por aquilo que se apresenta, que se dá a partir da presença plena, seja de um elemento como a voz, seja de um elemento como a escrita fonética, repercutiremos um mesmo sintagma fundamental do pensamento ocidental, ou, querendo-se, uma mesma gramática metafísica.

Se buscar o postulado de origem é um gesto da leitura metafísica, porque então para Cavarero o conceito de origem segue indispensável? O recurso da crítica de Cavarero (2011) corre o risco de persistir no próprio projeto metafísico, já que se baseia na contemplação de uma *unidade vocálica*, singularidade portadora de uma identidade presente a si. Será difícil para a autora desviar de uma idealidade constituída desse objeto vocálico. Mesmo considerando a identidade enquanto um resultado da prática relacional, a busca por constituir uma *ontologia da voz* acaba sendo atravessada por elementos da lógica metafísica impossíveis de serem ignorados.

O que buscaremos a seguir, como conclusão, é reler a questão da singularidade da voz em Cavarero (2011) buscando uma possibilidade de leitura diferente da apresentada acima, ou seja, uma possibilidade de compreender esta singularidade enquanto *abertura*, e não enquanto *clausura* no esquema metafísico. Esta leitura se dará a partir da proximidade com a obra de Jacques Derrida, proximidade esta que a autora buscou não legitimar, como vimos em seu posfácio. Assim, talvez na contramão da expectativa de Cavarero, pensaremos a *singularidade da voz* em relação com a noção derridiana de *assinatura*.

### **Conclusão – ou, a partir de Cavarero, uma possibilidade de leitura**

Como vimos, a voz é importante para Cavarero (2011) também porque esse som, saído de uma *garganta de carne*, demonstra um *corpo* que tradicionalmente fora excluído em função da linguagem desincorporada do pensamento – tema que a filósofa se ocupou também em sua obra *Corpo in figure* (1995). Derrida já havia levantado semelhante

discussão, quando em “A palavra soprada”, capítulo de *Escritura e Diferença* (2009), levanta a importância de refletirmos acerca da distância a partir da qual se pensou tradicionalmente o corpo e a palavra, recuperando a ideia de Artaud de uma *metafísica da carne* responsável por retomar a relacionalidade entre corpo e espírito. Tomo licença para citar um longo trecho de uma conversa entre Derrida e Mireille Calle-Gruber que vem a propósito dessa outra chave de leitura que desejo apresentar sobre a noção de singularidade em Cavarero. O trecho a que me refiro é de “Scènes des différences. Où la philosophie et la poétique, indissociables, font événement d’écriture”, em que Derrida afirma:

O que tento fazer, à minha maneira, sem esquecer, tanto quanto possível, o texto escrito, é reencontrar o corpo. Quem é o corpo de Heidegger? Ou de Nietzsche? Isso é o que geralmente foi ignorado. E essa forma de ignorar o corpo é o primeiro gesto de quem escreve. Escrevemos: deixamos os traços no papel, abandonados à publicação, o que é uma maneira de esconder o corpo. Trata-se de reencontrar o corpo – o corpo do corpo, por assim dizer. Não para salvá-lo, saudá-lo ali onde não há mais saudação para ele. Não se trata, evidentemente, de reencontrar o corpo de Platão ou de Heidegger, mas de ver no texto o que é dito do corpo, o que resta do corpo, o que sintomatiza o corpo ou o inconsciente. No fundo, o corpo aqui é a palavra que vem para substituir o insubstituível: no lugar do que não pode deixar de ter lugar. A palavra “corpo”, que não utilizo em oposição a espírito, é o que na assinatura é inimitável, insubstituível, singular. Não se deixa substituir, enquanto a escritura consiste, todo o tempo, em substituir. Portanto, a questão é a da substituição insubstituível. (DERRIDA, 2006, n.p, grifos nossos).

A citação acima, que corrobora com o meu argumento de que Derrida não deixou de refletir sobre o corpo e tudo aquilo que faz dele expressão (voz, dança, canto, escrita), revela uma proximidade interessante com o discurso de Cavarero no aspecto da singularidade. Em Derrida (1991), a noção de *assinatura* esteve circunscrita no contexto da discussão sobre os atos de fala, que envolveu o filósofo J. L. Austin, a quem Derrida responde em 1990 com o texto “Assinatura, acontecimento, contexto”, que hoje compõe o volume *Margens da Filosofia* (1991). Dessa discussão, me interessa recuperar pontualmente a noção da iterabilidade da assinatura: a diferença sendo produzida a partir do mesmo, ou então, aquilo que, no que reconhecemos como uma assinatura, se faz de fato *reconhecível*, repetível, iterável, sem se furtar da instabilidade de todo e qualquer signo.

A assinatura não é qualquer signo, mas age como se fosse. Ela toma a forma, por exemplo, do nome próprio que em uma língua será um substantivo com iniciais maiúsculas, que pertence e não pertence à língua (se podemos dizer que não há tradução possível para um nome próprio, isso significa que este nome está além-da-língua – discussão a que Derrida (2002) se ocupa no famoso ensaio sobre o mito de Babel). O nome próprio, por exemplo, é uma singularidade não encerrada somente em uma assinatura feita à caneta no papel, mas já estava presente nos povos de cultura exclusivamente oral. Há aí a inscrição de uma singularidade, como havíamos visto. A assinatura também é o que muitas vezes

reconhecemos como “estilo”, desde que este seja reconhecível, tão singular a ponto de revelar a autoria pela própria forma com que se expressa. É, como Cavarero (2011) nos lembra, o tom de voz da mãe que o bebê ouve enquanto é amamentado. Mas é também a singularidade daquele toque, da troca de olhares, dos passos errantes de uma criança que anda (e de repente dança), que fala (e de repente canta). Assim, se podemos, com Cavarero (2011), afirmar a singularidade dessa voz de carne, é porque podemos afirmar a singularidade de tudo aquilo produzido por um corpo (que, com Derrida, não utilizo em oposição a espírito). Este corpo que ela mesma reivindica a atenção, produz singularidades não somente pela garganta de carne, mas por todo lugar onde *uma assinatura é recuperável, onde uma inscrição única permanece* (já correndo o risco iminente de seu desaparecimento, como ocorre a todo signo).

Insisto na singularidade, enquanto a própria autora parece insistir na distinção voz de garganta e voz mental, entre outras dicotomias que flagramos em *Vozes Plurais*. Pois é no aspecto da singularidade que vejo a potência daquilo que afirma sua obra. E pergunto: que a mulher tenha sido subestimada, domesticada, silenciada, não há dúvidas. Mas será que precisamente a voz de carne é um caso superior aos outros inúmeros modos de silenciamento? Não foram apenas as vozes (de garganta) das mulheres que foram oprimidas, mas também suas produções artísticas, técnicas, filosóficas, suas participações no governo e na política, em tudo aquilo vinculado a uma certa *noção de verdade* a que todas essas atividades batem continência. E se a voz descrita por Cavarero (2011) se refere de fato a todos esses modos de expressão, a autora não estaria, portanto, tratando de um conceito de voz mais amplo, de um conceito de voz *em geral*?

Será preciso duvidar daquilo que foi usado desde sempre *a serviço da verdade*. A assinatura é exatamente um dos elementos que coloca em risco a validade do sentido, já que não é possível sustentar significados universais se o sentido é, no seu extremo, *contextualizado*. Assim, a obra de Cavarero pode ser um gatilho para a seguinte reflexão: na fala, o que ocupa o lugar de autoridade do arconte? Na escrita, o que ocupa o lugar imaculado do original? As respostas a estas questões serão provavelmente um encadeamento de nomes que, na tradição, ditaram ordem, fizeram calar singularidades.

Como vimos, na operação de Cavarero a restituição de sentido à voz de carne corre o risco de reencontrar a lógica da identidade. Mas é exatamente por aceitar esse risco que *Vozes Plurais* é o próprio trabalho da desconstrução em ação, sob a forma de uma pergunta dirigida à tradição: não foi a singularidade da voz produzida pela garganta de carne ignorada pela tradição filosófica ocidental? E nesse mesmo contexto, podemos questionar: não foi toda a forma de singularidade ignorada pela tradição filosófica ocidental? O inimitável, o insubstituível, desde sempre postos à margem.

Difícilmente conseguiremos um dia superar o esquema metafísico. O que também não nos impede de seguir buscando encontrar seus furos, espaços sinuosos onde haja a possibilidade de algum respiro. Esses gestos são o mais próximo da ruína metafísica que poderemos alcançar, e anunciam, pela forma monstruosa com que se apresentam, seu fim

(sempre adiado). Trata-se de um desafio, também porque esse pensamento *por-vir* será, por necessidade, avesso à sistematização, o que torna as filosofias de Cavarero e Derrida um fracasso já de partida. Mas é habitando essa aporia (de se filosofar em busca de um além-logocentrismo, usando para isso o próprio *logos*) que o valor dessas filosofias se confirma.

O subtítulo dessa conclusão, *a partir de* Cavarero, é uma expressão que tomo emprestada de Evando Nascimento (2015), que afirma:

Bem analisado, o ler *a partir de* implica reler os textos da tradição filosófica de que ele se apropria. Isso porque toda leitura é desde sempre repetição, reinstauração de um texto em face de outro que o precede, e esse outro se colocando numa sequência ou numa rede de outros ainda mais originais. Sem que nunca se encontre o texto primeiro como o pano de fundo do palimpsesto. (NASCIMENTO, 2015, p. 29).

*A partir de* Cavarero significa, então, não *juntamente* a ela, não *com* ela, mas levando seu pensamento às últimas consequências, para além daquilo que ela mesma propôs. Nesse movimento, o que vemos é a enunciação de uma ontologia vocálica que, se articulada nos termos de uma idealidade vocálica essencial ao feminino, e recuperável nesta cena de origem, perde sua potência de denunciar exatamente aquilo que estaria em questão: o *sentido imanente da phoné semantiké*. Mas é reconsiderando o estatuto de singularidade da voz enquanto expressão de uma *assinatura* – que jamais estaria salvaguardada do risco de desaparecimento –, que a obra recupera a potência desconstrutora reivindicada desde as primeiras páginas.

## Referências

BARTHES, Roland. *O grão da voz*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

CAVARERO, Adriana. *Vozes Plurais: Filosofia da expressão vocálica*. Trad. de Flavio Terrigno Barbeitas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

CAVARERO, Adriana. *Corpo in figure: filosofia e politica della corporeità*. Milano: Feltrinelli, 1995.

CAVARERO, Adriana. *Tu che mi guardi, tu che mi racconti. Filosofia della narrazione*. Milano: Feltrinelli, 1997.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2013.

DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. Trad. de Maria Beatriz da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1991.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Trad. de Junia Barreto. Belo Horizonte:



UFMG, 2002

DERRIDA, Jacques; MIREILLE, Calle-Gruber. Scènes des différences. OÙ la philosophie et la poétique, indissociables, font événement d'écriture. *Littérature*. n. 142, p. 16-29, 2006. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-litterature-2006-2-page-16.htm>. Acesso em: 10 fev. 2020.

GUARALDO, Olivia. Pensadoras de peso: o pensamento de Judith Butler e Adriana Cavarero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 3, 2007.

LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. Trad. de Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura: "notas" de filosofia e literatura nos textos da desconstrução*. São Paulo: É Realizações, 2015.

NETO, Moysés Pinto. O conceito de escritura em Derrida e a gramatologia da sua época. *Veritas*, Porto Alegre, v. 62, n. 2, p. 308-329, maio-ago. 2017.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.

#### NOTAS DE AUTORIA

**Iamni Reche Bezerra** (iamnireche@gmail.com) possui graduação em Letras, Bacharelado em Estudos da Tradução, pela Universidade Federal do Paraná (2014) e mestrado em Letras pela mesma instituição (2017), com ênfase em Estudos Literários. Atualmente é doutoranda do Programa de Teoria e História Literária da UNICAMP (bolsista CNPq) com pesquisa sobre a obra de Jacques Derrida, tradução literária e alteridade. Com o poeta Alexandre França, edita a Mathilda Revista Literária.

#### Agradecimentos

Agradeço à tradução do trecho de "Scènes des différences. OÙ la philosophie et la poétique, indissociables, font événement d'écriture" de Jacques Derrida, apresentada pelo professor Dr. Marcos Natali na disciplina "Assinaturas de Derrida", ministrada na USP durante o primeiro semestre de 2020.

#### Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

BEZERRA, Iamni Reche. A desconstrução da metafísica em *Vozes Plurais*, de Adriana Cavarero. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 26, p. 01-16, 2021.

#### Contribuição de autoria

Não se aplica.

#### Financiamento

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

#### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

#### Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

#### Conflito de interesses

Não se aplica.

#### Licença de uso



Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

#### **Publisher**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

#### **Histórico**

Recebido em: 09/03/2020

Aprovado em: 17/06/2020

Publicado em: 23/02/2021

